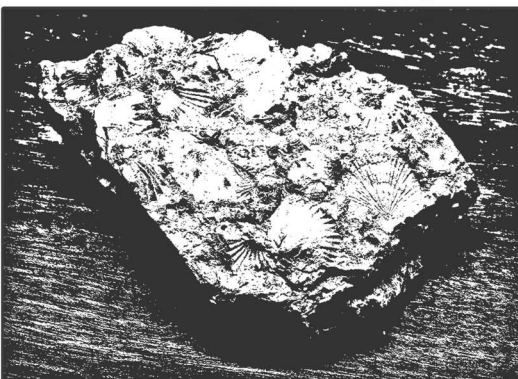
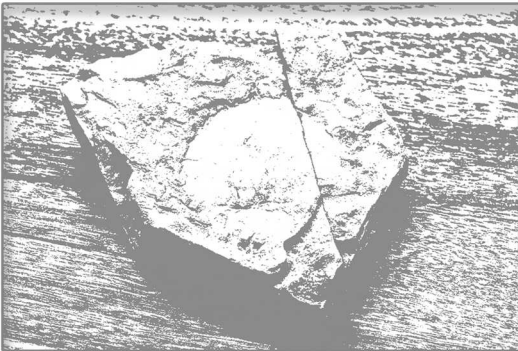
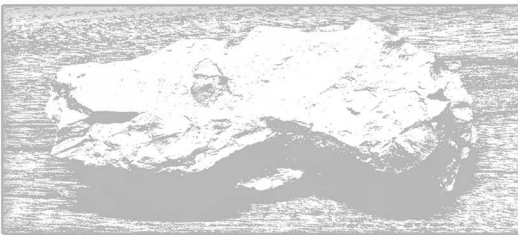


Colecções e museus de Geologia: missão e gestão



**Collections
and museums
of Geology:
mission and
management**

**José M. Brandão
Pedro M. Callapez
Octávio Mateus
Paulo Castro**
(Editores)



Título: Colecções e museus de Geologia: missão e gestão
Collections and geological museums: mission and management

Edição: Museu Mineralógico e Geológico da Universidade de Coimbra (MMGUC) Centro de Estudos de História e Filosofia da Ciência (CEHFCi)

Editores: José M. Brandão, Pedro M. Callapez, Octávio Mateus, Paulo Castro

Revisão: Artur A. Sá, Carlos Coke, Catalina Restrepo, Edite Bolacha, João P. Constância, José B. Brilha, José M. Brandão, Manuel Francisco C. Pereira, Octávio Mateus, Octavio Puche-Riart, Paulo Castro, Pedro M. Callapez

Local de edição: Coimbra

Capa: Fernando Correia

Execução gráfica: Tipografia Cruz & Cardoso Lda.Figueira da Foz

Tiragem: 600 exemplares

ISBN: 978-989-96564-0-6

Dep. legal: 309930 / 10

Apoio à edição:

12. O ACERVO COLONIAL DAS “COMISSÕES GEOLÓGICAS” DE PORTUGAL (1857 – 1918). NOTA PRELIMINAR

BRANDÃO, José Manuel

RESUMO: No decurso da exploração científica dos antigos territórios portugueses em África, foram chegando à Comissão Geológica do Reino, com regularidade crescente, diversas colecções de rochas, minerais e fósseis. Esse acervo, foi sendo estudado e publicado, permitindo identificar e esboçar, à distância, a distribuição das principais formações geológicas presentes. O reconhecimento da sua importância para a compreensão da geologia das colónias e da África austral no seu todo, levou à constituição, em 1905, de um núcleo colonial do Museu Geológico, que se manteve até meados da década de setenta (séc. XX).

PALAVRAS-CHAVE: África; colónias portuguesas; Comissão Geológica; colecções.

ABSTRACT: During the scientific exploration of the ancient Portuguese territories in Africa the Geological Survey had started to receive, with increasing regularity, several collections of rocks, minerals and fossils. Part of those collections was being studied and published, allowing to identify and outline, despite the distance, the distribution the main geological formations. The recognition of the importance of those collections for the knowledge of the geology of the colonies and southern Africa as a whole, led to the creation in 1905 of a colonial branch on the geological museum, which continued until the mid-seventies (XX century).

KEYWORDS: Africa; Portuguese colonies; Geological Commission; collections.

LNEG-IP / Centro de Estudos de História e Filosofia da Ciência
josebrandao@gmail.com

INTRODUÇÃO

Durante a segunda metade do século XIX intensificou-se, de forma generalizada, o interesse das várias potências europeias sobre os territórios africanos que se supunha plenos de riquezas agrícolas, florestais e sobretudo minerais. Portugal, embora tardiamente, lançou-se também no reconhecimento científico das suas maiores colónias africanas, enquanto simultaneamente demarcava e estabelecia as respectivas fronteiras na sequência de sucessivas negociações com Inglaterra, a Bélgica e a Alemanha, potências colonizadoras dos territórios vizinhos.

A montante do grande impulso da aventura africana esteve também, sem dúvida, o crescente interesse internacional que a Geografia, numa perspectiva científica, despertou durante o século XIX e que levou à criação em diversas capitais da Europa e, posteriormente, nos EUA, de associações científicas dedicadas a este domínio do conhecimento, de que é reflexo a *Sociedade de Geographia de Lisboa* fundada em 1875.

A criação desta Sociedade trouxe para primeiro plano as questões da colonização e da necessidade de exploração dos territórios coloniais, que viriam a

adquirir contornos de grande questão nacional com o desígnio do mapa cor-de-rosa e com os intensos momentos políticos que se lhe seguiram.

Será a Sociedade de Geografia quem irá patrocinar a realização algumas expedições iniciadas com a travessia de África por Serpa Pinto (1877-1879) e por Brito Capello e Roberto Ivens (1877-1880)¹, expedições continuadas anos depois, noutra quadro institucional e com outros objectivos, pelas missões da *Comissão de Cartographia* criada em 1883 no âmbito do Ministério da Marinha.

A FORMAÇÃO DO ACERVO COLONIAL

Embora as missões geográficas fossem promovendo leituras globais dos territórios atravessados, promovendo em simultâneo os levantamentos geodésicos e as observações geológicas, em nenhuma das províncias ultramarinas havia serviços de geologia que procedessem a estudos dedicados, podendo dizer-se que o conhecimento geológico que então delas se tinha se

¹ Imortalizadas respectivamente nas obras “*Como eu atravessei África*” (Londres, 1881) e “*De Benguella as terras de Iacca*” (Lisboa, 1881).

resumia praticamente a observações pontuais em lugares onde havia explorações mineiras e, sobretudo, a impressões de viajantes, com todos os problemas que tal implicava, como aliás Paul Choffat (1849-1919), geólogo da *Comissão Geologica* do Reino², viria a sublinhar:

*“...Les renseignements géologiques sur la province d’Angola se réduisent à fort peu de chose; ils sont, à une ou deux exceptions près, noyés dans les récits de voyages, au milieu desquels on trouve par-ci, par-là, un mot ou une phrase faisant naître quelques suppositions, rarement une certitude, car il es bien rare que les voyageurs rapportent des échantillons de roches, et il est aussi rare qu’ils soient à même de reconnaître avec certitude la nature du terrain...”*³

Os primeiros trabalhos científicos dignos de nota, desenvolvidos a expensas do governo português foram os do botânico austríaco Friedrich Welwitsch (1806-1872), encarregado da exploração de Angola, onde permaneceu vários anos (1853-1861). Além dos estudos sobre a flora, Welwitsch dedicou parte do seu tempo à Geologia descrevendo com algum pormenor diversas formações. As suas notas de viagem, enviadas ao Museu Nacional de Lisboa após ter falecido em Londres, foram em parte interpretadas e publicadas por Choffat⁴; porém, as caixas com as amostras colhidas por Welwitsch ter-se-ão perdido.

Lourenço Malheiro, engenheiro de minas, viria a revelar-se uma personagem decisiva no despertar do interesse dos membros da Comissão pela geologia colonial. Defensor convicto de uma exploração das colónias de *“character accentuadamente pratico”*, para dar a conhecer os seus recursos, fazia a apologia dos estudos geológicos como motor de desenvolvimento, referindo o exemplo dos Estados Unidos:

“...Nos seus vastos territorios ainda inhabitados, o governo de Washington começa por fazer explorações geographicas e geologicas, que são a

*base de todo o futuro trabalho de colonisação [...] O reconhecimento geologico acompanha sempre o reconhecimento geographico; o primeiro não póde fazer-se sem o auxilio do segundo e este é quasi inutil sem aquelle [...] Este trabalho geral incita as grandes companhias a explorarem as minas, a abrir caminhos de ferro, a montar grandes explorações agricolas ...”*⁵

Em missão às minas de cobre e enxofre de Benguela em 1882, L. Malheiro procedeu a diversos trabalhos de reconhecimento geológico, tendo colhido uma grande quantidade de rochas e fósseis em Benguela e Dombe Grande, e também em Luanda. Esta colecção seria mais tarde confiada a P. Choffat, que se ocupou do estudo dos moluscos fósseis, entregando os equinóides a Perceval de Loriol (1828-1908), paleontólogo suíço do museu de Genève, colaborador habitual da Comissão Geológica.

Consciente dos progressos que poderiam fazer-se na compreensão dos problemas da geologia da África meridional a partir do estudo das colecções, Choffat encorajou publicamente o envio de novas remessas de amostras:

*“...Ha ainda muitos problemas de alcance geral cuja solução depende do conhecimento dos periodos que precederam o actual. Portugal, que possui colonias em regiões tão diversas e ainda tão pouco conhecidas, poderia contribuir muito valiosamente para a resolução desses problemas, se as pessoas que aí residem remetessem para Lisboa exemplares de rochas e, principalmente, de fosseis das localidades que têm percorrido...”*⁶

Esta postura seria, de certa forma, secundada por P. de Loriol que, referindo-se genericamente ao valor da oferta de amostras das colónias, escreveria que *“...les renseignements que l’on possède sur la géologie de la cote Ouest d’Afrique équatoriale sont fort peu abondants, et chaque découverte nouvelle présente un grand intérêt...”*⁷

O estudo da colecção Malheiro e de outros fósseis existentes no Museu Nacional de Lisboa, colhidos pelo naturalista José de Anchieta (1832-1897) autor do pequeno opúsculo *“Traços geológicos da Africa Occidental Portuguesa”*⁸, constituiu a base de uma importante monografia escrita por Choffat de parceria com Loriol (1888), ilustrada com oito magníficas estampas (fig. 1). Nesta obra, Choffat socorre-se também de outros autores que publicaram sobre África, propondo um modelo estratigráfico das formações mesozóicas e terciárias identificadas.

Provavelmente por razões de continuação dos

² Entre 1857 e 1918, as Comissões Geológicas sofreram diversas modificações e mudanças de nome. Atendendo a que a substância da sua missão não se alterou e à estabilidade do corpo técnico, designá-las-emos, neste texto apenas por “Comissão” ou “Comissões”.

³ Cf. Choffat et Loriol, 1888 p. 5.

⁴ V. Choffat, 1892.

⁵ Cf. Malheiro, 1881 p. 7.

⁶ Cf. Choffat, 1886.

⁷ Cf. Loriol, 1888 p.1.

⁸ Bol. Soc. de Geografia de Lisboa, 5 (9), p. 525-529. 1885. Neste interessante trabalho, provavelmente o primeiro publicado por um português sobre a geologia de Angola, Anchieta tece uma série de considerações de natureza estratigráfica, tectónica e paleogeográfica das formações secundárias e terciárias de Benguela e Moçâmedes.

estudos e publicações que entretanto foi realizando, Choffat manteria esta colecção na sua posse até 1904, quando finalmente entendeu solicitar a sua incorporação formal e definitiva no acervo museológico da Comissão.

“... Até hoje nenhum ponto da África equatorial ou meridional forneceu uma serie de faunas cretácicas tão completa; por conseguinte esta colecção e a memoria citada são o fundamento da

geologia da Africa occidental sendo portanto de toda a conveniencia que ela fique devidamente guardada nas colecções d’um museu scientifico onde possa ser consultada pelos geologos nacionaes e estrangeiros...”⁹

⁹ Carta de Choffat ao director da Comissão, N. Delgado, em 21-12-1904.

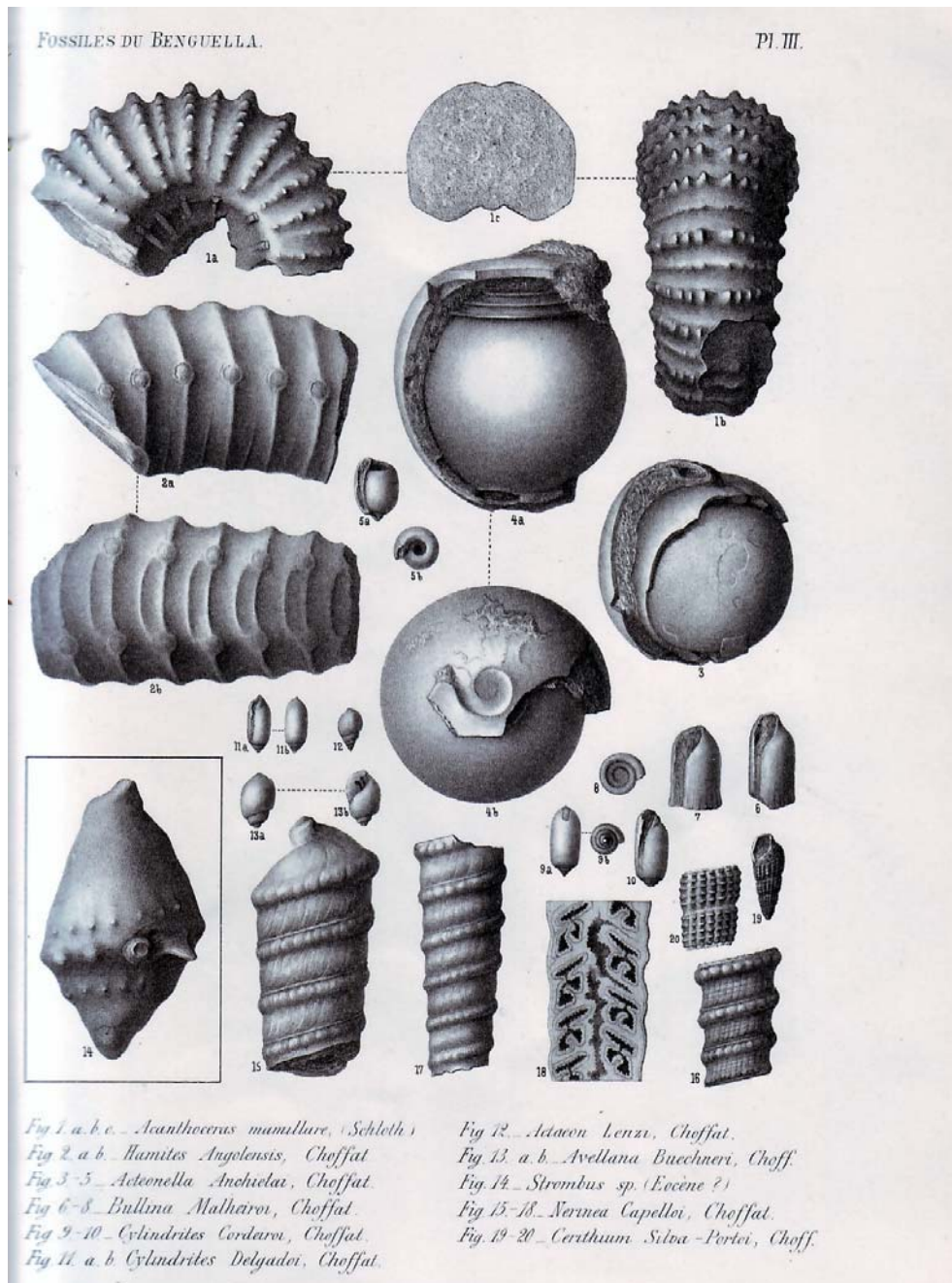


Figura 1 - Uma das estampas da obra de Choffat e Loriol (1888), onde se representam várias espécies novas identificadas pelo primeiro dos autores.

Na referida memória o autor cita também as observações de Capello e Ivens realizadas na sua famosa travessia *de Angola à contracosta* (1884-1885), bem como exemplares por eles recolhidos. Sublinhe-se que aqueles dois exploradores tinham depositado as amostras colhidas no museu da Comissão Geológica, onde constituíram uma pequena colecção notável mais pela sua importância simbólica, do que científica¹⁰. Não temos notícia de que lhe tenha sido dedicado algum escrito pelos membros da Comissão que a receberam, nomeadamente por Nery Delgado (1835-1908) Director desde 1882, amigo pessoal dos exploradores, ou por Alfredo Bensaúde, petrógrafo e mineralogista¹¹. Tão-pouco abundam referências explícitas a estes materiais, salvo algumas fichas que denunciam a entrada da colecção (fig. 2)¹².

Numeros	Procedencia	Esp. recebidos
A n.º 1 a 12	Porto Pinda	1884 V. Antunes Camp. Indica
B n.º 1 a 14	Bahia dos Elephantes a 150 ^m de altitude	Yves
C n.º 1 a 18	Costa do sul da Ponta do Soronha em Mossamedes - 150 ^m de altitude	Yves
D n.º 1 a 11	Margens do Coróica - P. Bento do Sul	Yves
E n.º 1 a 4	(Bulimus) Rio Coróica	Yves

Figura 2 - Ficha de registo da colecção Ivens, referindo as colheitas iniciadas em Porto Pinda, em 1884. AHGM.

As missões religiosas de Angola haveriam de revelar-se também uma interessante fonte de materiais, pelas sucessivas ofertas provenientes de Moçâmedes, Benguela e Huíla, enviadas pelos padres R. Lecomte que visitara o museu da Comissão em 1896, Severino da Silva e Manuel Antunes, que também visitaria a Comissão em 1900. Algumas das rochas enviadas por estes missionários, foram também estudadas por Choffat¹³ e N. Delgado¹⁴; todavia, os carvões betuminosos do Libolo (Cuanza Sul), descobertos pelo Padre Antunes seriam enviados

a Jacinto Pedro Gomes (1844-1916), naturalista do Museu Nacional, que sobre elas também publicaria três notas¹⁵ onde caracteriza aqueles materiais e tece considerações sobre o interesse económico do jazigo.

Nery Delgado, na presunção de que tais remessas eram muito importantes para o conhecimento do solo africano, retribuiria oferecendo as publicações da Comissão e colecções de minerais, rochas e fósseis continentais devidamente classificadas, para o ensino dos educandos dos religiosos e, simultaneamente, para formação dos próprios missionários exploradores.

Em 1901, graças ao empenho pessoal de Berkeley Cotter (1845-1919), geólogo da Comissão, e de N. Delgado, chegou ao museu, pela mão do então Governador da província Capitão Marques da Costa, uma importante colecção de amostras da baía de Conducia, Moçambique, local onde anteriormente tinha sido assinalada por um geólogo alemão, a presença de amonites de grandes dimensões¹⁶.

Encarregado de estudar esta remessa, Paul Choffat identificou, entre outros fósseis, três novas espécies e duas variedades de amonites cretácicas, todas de grandes dimensões (fig. 3). A descrição desta importante fauna fóssil de Moçambique foi publicada sob a forma de uma "Memória" da Comissão, de grande impacto internacional¹⁷.

De Moçambique, através da Direcção Geral da Colónias, chegariam ainda à Comissão nesse mesmo ano, e nos que se lhe seguiram, novas remessas de amostras, nomeadamente rochas e fósseis de Maxixe,

¹⁰ Choffat (1887 p. 343) refere problemas de perda de etiquetas e mistura de amostras que não deveriam ser de grandes dimensões. Mais tarde acrescentaria que as poucas amostras que Capello e Ivens tinham recolhido, estavam longe de fornecer tantas informações como as passíveis de serem retiradas de colheitas mais recentes, designadamente as dos missionários Padres Severino e Antunes (1901, p. 191).

¹¹ Cf. Choffat, 1887 p. 343.

¹² O facto da "colecção Ivens" não constar das listagens gerais das colecções coloniais organizadas pelo conservador do museu Romão de Sousa em 1921, permite presumir a sua posterior transferência para outro estabelecimento, nomeadamente o museu da Sociedade de Geografia.

¹³ V. Choffat, P. (1901). Echantillons de roches du district de Mossamedes ». *Com. Dir. Trab. Geol. Port.*, 4, p. 190-194. Lisboa, 1901.

¹⁴ V. Delgado, J.N. (1901). Quelques mots sur la collection de rochas de la province d'Angola récoltée par le Rev. P.e Antunes. *Com. Dir. Trab. Geol. Port.*, 4, p. 195-201. Lisboa, 1901.

¹⁵ "O betume do Libolo". *Com. Com. Geol.*, 3, p. 244-250. Lisboa 1898; «Composição da Libollite ». *Id. ibid.*, p. 290-291; Novos apontamentos sobre a libolite (Angola). *Com. Dir. Trab. Geol. Port.*, 4, p. 206-207. Lisboa, 1901.

¹⁶ Cf. Brandão & Almeida, 2003 p. 112.

¹⁷ Este trabalho, intitulado "Le Crétacique de Conducia " constituiu o primeiro volume das "Contributions à la connaissance géologique des Colonies Portugaises. Com. Serv. Geol. Port., Lisboa, 1903.

Inhambane recolhidas por iniciativa do Comandante Militar, e amostras dos calcários explorados pela Companhia de Buzi em Cherinda e Sofala, enviadas pelo médico da companhia Dr. Guilherme d'Arriaga. De novo Delgado se apressou a agradecer as ofertas, manifestando, de forma pedagógica, o desejo de que tal iniciativa pudesse ser continuada, e dando instruções sobre o modo de proceder:

...A riqueza em vestígios malacológicos, a julgar pela amostras que tenho presentes, sem duvida muito grande, e por isso seria de desejar, para mais cabal conhecimento do assumpto, que se procedesse a uma abundante colheita de amostras, quer na pedreira já conhecida, quer n'outros pontos proximos, onde por ventura venham acompanhadas com as indicações topographicas indispensaveis, que fixem com o possivel rigor os pontos de origem...¹⁸.



Figura 3 - Reprodução de selo emitido em 1971 pelos correios da província de Moçambique representando um dos emblemáticos fósseis de Conducia descritos por Choffat em 1903: Pachydiscus conduciensis, exemplar com cerca de 60 cm de diâmetro (col. Museu Geológico, Lisboa).

A CRIAÇÃO DO “MUSEU DE GEOLOGIA COLONIAL”

Admitimos que os debates na Sociedade de Geografia sobre as questões da colonização e da exploração científica dos territórios ultramarinos, bem como a realização em Lisboa do “1º Congresso Colonial” em 1901, poderão ter influenciado positivamente Delgado, Choffat e Cotter, sócios activos daquela associação¹⁹, no que respeita à apetência pela aquisição e estudo de colecções do solo africano. Atrevemo-nos mesmo a aventar que

poderá ter surgido da discussão de algumas das teses do Congresso, nomeadamente as que incidiram sobre o ensino colonial e o desenvolvimento da economia, o esboço da futura constituição, no seio da Comissão, de um museu geológico colonial capaz de armazenar e tornar cientificamente úteis as ofertas ali chegadas. Esta poderia assim ser uma resposta concreta às conclusões do Congresso que apontavam para necessidade de se incrementar o ensino e formação profissional dos agentes coloniais, e para a necessidade de criar um museu que servisse como “centro de informação colonial”.

A ser verdade tal hipótese, o facto é que a ideia terá levado ainda alguns anos de maturação.

Na qualidade de relator da secção em que fora debatida a questão, o Conde de Penha Garcia definia as modalidades que tal museu poderia assumir, que iam de “*simples colecções scientificas auxiliares dos estudos geographicos ou de ciencias especiais*”, aos propósitos marcadamente educativos e económicos, para “*esclarecer e auxiliar a colonização e as relações comerciais entre a metropole e as colónias (...)* Os museus coloniais são um instrumento de educação pública e auxiliares do ensino colonial; pelos seus laboratórios e repartições técnicas contribuem para o aproveitamento dos produtos coloniais e como auxílio de propaganda comercial entre a metrópole e as colónias...”²⁰.

A quantidade crescente de materiais de Angola e Moçambique chegados à Comissão e os trabalhos sobre eles entretanto publicados, terão sido os argumentos de maior peso na determinação de N. Delgado em levar à apreciação do Conselho Consultivo, e à tutela, a proposta de constituição no museu da Comissão de um núcleo de geologia colonial, não obstante o facto de tais estudos não serem parte da missão que lhe estava cometida.

“...a Comissão Geologica tem acolhido com interesse os materiais de estudo que do ultramar tem sido mandados da Africa e a publicar a memoria a que deu o titulo geral de “Contribuições para o conhecimento geologico das colonias portuguesas de África”... Ha que atender... á regular accommodação dos exemplares destinando-lhes uma sala especial

¹⁸ Ofício de N. Delgado ao Director-Geral do Ultramar, em 27-11-1901. AHGM.

¹⁹ Sublinhe-se que N. Delgado, membro desta Sociedade desde 1883, teve, a partir de 1993, a presidência da respectiva Comissão de Geologia.

²⁰ Cf. *These...*, 1901 p. 4 e 5.

*com o competente mobiliário... Ora não sendo regular que se cerceie a verba pouco ampla destinada aos estudos geológicos do reino, dando-lhe uma aplicação que a lei organica não auctoriza expressamente, é por outro lado lamentavel que se desprezem materias que podem concorrer para o conhecimento da riqueza do solo colonial, por falta de uma pequena verba destinada a organização de um nucleo de museu geologico colonial, e á publicação de estudos especiaes que convenha tornar conhecidos...*²¹.

Com esta fórmula, Delgado e o Conselho entendiam, por um lado, poder suprir a falta de serviços especializados em Geologia nas colónias, disponibilizando a sua competência técnica e espaço nas instalações da Comissão; por outro, imputavam ao Ministério da Marinha e Ultramar as despesas inerentes à instalação deste núcleo de colecções e aos trabalhos de investigação a ele associados²².

Embora esta proposta tenha merecido acolhimento favorável em todas as instâncias, designadamente do Ministério da Marinha, o *museu de geologia colonial* da Comissão só deve ter sido devidamente apetrechado com o mobiliário adequado em meados de 1909, o que se depreende da leitura de um ofício do engenheiro António Torres, que sucedeu a Delgado na direcção da Comissão:

*...Sucede porém que por falta de verba destinada à aquisição de mobiliário para a instalação da colecção do ultramar os materiais estão em caixotes [...] Por isso seria de toda a conveniência adquirir o mobiliário necessário para acomodar metodicamente os exemplares...*²³.

Poderia acrescentar-se que este desígnio da Comissão Geológica era em tudo consonante com o movimento oitocentista que atribuía aos museus um papel de fomento, consignando as suas colecções ao conhecimento científico e ao estudo do aproveitamento económico dos recursos minerais.

NOVAS COLECÇÕES

Investido do novo poder institucional, decorrente da criação do “museu colonial”, Delgado, além de solicitar ao Ministério o financiamento de uma nova memória de Choffat sobre África²⁴, toma a iniciativa de escrever directamente às autoridades ultramarinas no sentido destas diligenciarem, novas colheitas e o envio das amostras para Lisboa.

Na sequência destes pedidos voltam a entrar no

museu da Comissão novas colecções, nomeadamente pela mão dos engenheiros responsáveis pelos projectos dos caminhos de ferro e estradas, o que se repetirá sucessivamente, embora diminuindo de frequência, até meados de 1916 (Quadro I).

Deve sublinhar-se que este decréscimo do número de ofertas de colecções africanas, encontra explicação no facto de a Comissão Geológica não ser a única destinatária das remessas das colónias, já que o Museu Nacional instalado na Escola Politécnica, o museu da Sociedade de Geografia e a Universidade de Coimbra, eram também, destinatários privilegiados dessas remessas; além disso, a principal razão reside, porventura, na criação e progressiva autonomização de serviços de geologia e minas nos grandes territórios ultramarinos, consequência das directivas políticas trazidas pela República.

Entre as várias colecções entradas após a constituição do “museu colonial”, a do engenheiro Rego Lima merece uma palavra especial. Organizada aquando da sua expedição às minas de ouro de Cassinga em Angola, continha muitas amostras de rochas e fósseis colhidas ao longo do trajecto percorrido entre Moçâmedes e o local de destino. Depositada no Museu Nacional, foi incorporada no acervo da Comissão mercê do empenho pessoal do capitão Luiz Pereira de Sousa (1870-1931), petrógrafo da Comissão, que se ocupou detalhadamente do seu estudo, parte do qual realizado no Museu de História Natural de Paris sob orientação de Alfred Lacroix (1863-1948)²⁵.

Falecido prematuramente por razões de saúde, muito abalada pela estada em África, Rego Lima deixou, porém, no Ministério da Marinha diversas notas relativas aos levantamentos executados, as quais vieram a ser reorganizadas e publicadas postumamente por Pereira de Sousa a quem estava superiormente cometida a missão de estudar e organizar as colecções ultramarinas depositadas na

²¹ Exposição de N. Delgado ao Director-Geral de Obras Públicas em 4/7/1905. AHGM.

²² Não deixa de ser curioso sublinhar que no ano seguinte, 1906, seria criado em Lisboa o Museu Agrícola Colonial, juntamente com o Jardim Colonial, simultaneidade que apela à convicção do estabelecimento, à época, de uma forte convicção na causa colonial.

²³ Ofício de A. Torres ao Director-Geral de Obras Públicas e Minas em 13/01/1909. AHGM.

²⁴ “Contributions à la connaissance géologique des Colonies Portugaises. T. II - “Nouvelles donnés sur la zone littorale d’Angola », Lisbonne, 1905.

²⁵ V. “Contribution à l’étude petrographique du Nord de l’Angola”, *Comptes Rendus de l’Acad. Sc. Paris*, 157, p. 1450-1453, Paris, 1913; “Contribution à l’étude petrographique du Sud-Ouest de l’Angola”, *Idem*, 162, :692-695. Paris 1916.

Comissão. P. de Sousa acrescentaria um último capítulo à obra, ao qual junta um esboço geológico expedito²⁶.

“...Tendo publicado algumas notas manuscritas deixadas pelo engenheiro Rego Lima, sobre a sua missão ás minas de Cassinga, embora lhe addicionasse algumas das minhas observações que julguei de utilidade, guardei-me, porém, para n’este capítulo fazer o resumo geologico da região que elle percorreu, resumo a que cheguei pelo estudo d’essas notas e das rochas por elle trazidas²⁷.”

Os peixes fósseis de Angola, nomeadamente da colecção Rego Lima, ainda viriam a ser estudados por Ferdinand Priem (1857-1919), reputado especialista francês colaborador da Comissão Geológica, que descreveu algumas espécies novas²⁸.

Após a saída definitiva de P. de Sousa para a Faculdade de Ciências, o estudo do acervo colonial declinou; no entanto, não diminuiu o seu interesse como fonte de informação e treino dos agentes coloniais. Refira-se, a título de exemplo, o facto dos conservadores do museu da Comissão Romão de Sousa e Romão de Matos escolhidos para orientarem o treino dos técnicos responsáveis pela Missão Geológica de Angola²⁹, terem elegido estas colecções como ferramenta essencial, bem como as diversas referências que lhe faz Bacelar Bebiano no seu notável trabalho “*Geologia e riqueza mineira de Angola*”³⁰, em que publica um primeiro esboço conjunto, bastante completo, da geologia daquele território.

O Quadro I condensa as principais entradas de colecções coloniais no Museu Geológico, compiladas a partir da conjugação das fontes actualmente disponíveis. Estes elementos evidenciam, porém, não apenas uma grande concentração de remessas durante a primeira década do século XX, imediatamente antes e depois da criação da “Sala Colonial” do museu da Comissão Geológica, como também uma marcada presença de materiais, sobretudo fósseis, provenientes das regiões litorais das duas antigas grandes províncias ultramarinas

portuguesas e das mais conhecidas zonas mineiras.

A inexistência de outras indicações seguras sobre estas colecções, não permitem, por enquanto, aferir a fiabilidade deste resumo, nem tão-pouco estimar com algum rigor a dimensão que este acervo teria tido, no seu todo.

NOTA FINAL

O LNEG-IP, organismo que englobou parte das competências e património dos anteriores serviços geológicos nacionais, conserva ainda uma parte do acervo colonial constituído pelas Comissões Geológicas. Estas colecções estiveram durante muitos anos instaladas numa sala dedicada do Museu Geológico, aberta ao público interessado até meados dos anos setenta (século XX).

Actualmente desprovido de grande significado científico, o que resta destas antigas colecções revela, contudo, um reconhecido valor histórico decorrente da sua condição de testemunho da remota exploração científica dos territórios portugueses da África Continental e de ter servido de base às primeiras interpretações realizadas pelos organismos pioneiros da Geologia portuguesa.

BIBLIOGRAFIA

- BRANDÃO, J.M., 2008. “Missão Geológica de Angola”: contextos e emergência. *Memórias e Notícias*, Publ. do Dep. Ciênc. Terra e do Mus. Min. Geol. Univ. Coimbra, **3** (ns): 285-292.
- BRANDÃO, J.M. & ALMEIDA, J., 2003. “*Rainhas de Conducia*”: descoberta, estudo e fruição de um património paleontológico de grande valor. VI Congresso Nacional de Geologia, *Ciências da Terra* (UNL), n.º esp. V, CD-ROM, I12-I15. Monte de Caparica.
- CHOFFAT, P., 1886. Sobre os terrenos sedimentares das províncias de África e considerações sobre a geologia deste continente. *Jornal do Commercio*, **9926**, 31 de Dezembro. Lisboa.
- CHOFFAT, P., 1892. Dr. Welwitsch – Quelques notes sur la géologie d’Angola coordonnées et annotées par P. Choffat. *Com. Serv. Geol. Port.*, **2**: 27-44. Lisbonne.
- CHOFFAT, P. et DOLLFUS, 1916. Contribution à l’étude pétrographique du sud ouest de Angola. *C.R. Acad. Sc. Paris*, t. 162.

²⁶ Este esboço foi gizado com base no estudo das colecções coloniais, particularmente das amostras de Rego Lima. Todavia, P. de Sousa viria a visitar Angola poucos anos depois.

²⁷ Cf. Sousa, 1906 p. 207.

²⁸ V. Priem, 1907. Choffat assinalou a grande importância deste trabalho que veio confirmar as idades de algumas formações do distrito de Moçâmedes, até então simplesmente presumidas pelo estudo das amostras colhidas por L. Malheiro.

²⁹ V. Brandão, 2008 p. 287.

³⁰ *Com. Serv. Geol. Port.*, 14: p. 127-240. Lisboa, 1923.

- CHOFFAT, P. et GOMES, J.P., 1898. Échantillons de roches recueillis entre Benguella et Catoco. *Com. Dir. Trab. Geol. Port.*, **3**, : 239-243. Lisbonne.
- CHOFFAT, P. et LORIOU, P., 1888. Matériaux pour l'étude stratigraphique et paléontologique de la province d'Angola. *Mem. Soc. Phys. Hist. Nat. Genève*, **30** (2).
- DELGADO, J.F.N., 1901. Quelques mots sur la collection de rochas de la province d'Angola récoltée par le Rev. P.e Antunes. *Com. Dir. Trab. Geol. Port.*, **4**: 195-194.
- LIMA, R., 1906. Alguns trechos do relatório do engenheiro Rego Lima sobre a sua missão ás minas de Cassinga em 1908, publicas postumamente pelo cap.º Pereira de Sousa. Ext. da *Revista de Engenharia Militar*. Lisboa.
- MALHEIRO, L., 1881. *Explorações geológicas e mineiras nas colónias portuguesas*. Conferência na Soc. de Geogr. de Lisboa.
- These - *Bases para a organização de um museu colonial como centro de informações coloniais*. Congresso Colonial Nacional. Relator – Conde de Penha Garcia. Lisboa, 1901.

Quadro I – Colecções das colónias entradas no Museu Geológico³¹

Proveniência	Colectores	Data
Dombe Grande; Benguela; Luanda	Lourenço Malheiro	1882
Benguela	Padre Ernesto Lecomte	1896
Moçâmedes	Rego Lima	1899
Huíla	Padres Severino da Silva e M. Antunes	1900
Conducia, Moçambique	Marques da Costa	1901
Cambambe	Padre M. Antunes	1901
Rio Buzi, Moçambique	M. Teixeira de Morais e Comp.ª de Buzi	1902
Maxixe, Inhambane	Com. Militar de Maxixe	1903
Bom Jesus; Cuanza	Eduardo Neuparth	1903; 1904
Moçâmedes	Filipe D. Carvalho	1903
Congo; Luanda; Moçâmedes	Freire de Andrade	1904; 1908; 1914
Pontes do caminho de ferro; estrada Lucala-Malange	Miranda Guedes	1904
Minas do Huambo; Rio Lucala	Charles Letourneur	1905; 1906
Angola	Rego Lima	1905; 1907
Moçambique	Freire de Andrade	1906; 1908; 1909
Moatize, Moçambique	Gago Coutinho	1906
Barué, Moçambique; Índia	Eduardo Neuparth	1906
Caminho de ferro de Luanda	Pinto da Veiga	1907
Angola (vários locais)	Paiva Couceiro	1908; 1909
Baía dos Tigres e Cunene	Roma Machado	1912; 1915
Chibamba, Congo	Carlos Duque	1914
Rio Zambeze; rio Luinga; rio Luangwa;		
rio Hazere	Gago Coutinho	1915
Angola	Pinto de Souza	1916
Cobre do Bembe; Minas da Calucala e Kivunga	Lopes Galvão	1916

³¹ Fontes: *Bol. de Obras Públicas e Minas; Comunicações da Com. Trab. Geológicos; Bol. Soc. Geografia*; correspondência do AHGM.